

O AUTOCONCEITO DE ADOLESCENTES SEGUNDO O SEXO E A ESTRUTURA FAMILIAR

Maria Alexina Ribeiro

RESUMO — A presente pesquisa teve como objetivo investigar o autoconceito de adolescentes de duas estruturas familiares (genitores que vivem juntos e genitores separados). A amostra foi composta por 120 adolescentes com idade média de 15 anos e 5 meses, residentes em Brasília. Os sujeitos foram divididos em dois grupos: 60 cujos genitores vivem juntos e 60 cujos genitores são separados, sendo 30 de cada sexo. A avaliação do autoconceito foi feita através da Escala Fatorial de Autoconceito — EFA - (Tamayo, 1981 a). A ANOVA 2 x 2, calculada para cada fator, revelou efeitos principais da variável separação dos pais sobre os fatores segurança pessoal, atitude social, autocontrole e self ético-moral, onde os adolescentes cujos genitores são separados tiveram escores significativamente mais baixos. A variável sexo só apresentou efeito principal no fator self ético-moral, sendo que as mulheres tiveram escores significativamente mais elevados.

THE SELF-CONCEPT OF ADOLESCENTS ACCORDING TO SEX AND FAMILY STRUCTURE

ABSTRACT — The purpose of this research was to investigate the self-concept of adolescents from two family structures (parents who live together and separated parents). The sample consisted of 120 adolescents with an average age of 15 years 5 months, living in Brasilia. They were divided into two groups: 60 whose parents live together and 60 whose parents are separated, 30 males and 30 females. The self-concept evaluation was considered according to the Self-Concept Factorial Scale (Tamayo, 1981 a). The 2 x 2 ANOVA, which was calculated for each factor, showed main effects of the parents separation variable over the following factors: personal assurance, social attitude, self-control and self ethic-moral, where the adolescents whose parents are separated obtained significantly lower scores. The variable sex

Pesquisa apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, orientada pela Professora Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher, com auxílio do CNPq e CAPES, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, em dezembro de 1987.

Endereço: QE 24 - Conjunto D - Casa 19 - Guará II/DF - CEP: 71.000.

presented main effect only on the self ethic-moral factor, where women obtained significantly higher scores.

Nas últimas décadas o número de divórcios e separações tem aumentado consideravelmente em várias partes do mundo, em todas as classes sociais e, diante disso, a família se depara com a necessidade de se reorganizar, se reestruturar para cumprir suas funções sexuais, econômicas, reprodutivas, afetivas e educativas. Surgem, assim, formas alternativas de vida familiar, como as famílias de um só pai, famílias reconstituídas ou recompostas. Com o aumento do número de divórcios e as mudanças que ocorrem na vida familiar, têm surgido vários estudos, principalmente norte-americanos, sobre como estas mudanças influenciam o desenvolvimento dos filhos, crianças e adolescentes.

Vários autores têm relacionado o divórcio dos pais com problemas de ajustamento e desenvolvimento dos filhos (Emery, 1982; Parish & Osterberg, 1986; Patten-Seward, 1984; Wallerstein, 1984; Westman, 1983; Zeanah, 1983). Outros tentam mostrar que há um ajustamento no decorrer do tempo. O divórcio pode ter conseqüências negativas, mas, com o tempo, crianças e adolescentes vão se ajustando à nova situação e logo estão aptos a viver o seu dia-a-dia normalmente (Fine, Moreland & Schwebel, 1983; Kurdek, Blisk & Siesky, 1981). Há alguns estudos que mostram que o divórcio dos pais não traz conseqüências negativas para os filhos e pode, em muitos casos, ser melhor tanto para o casal quanto para os filhos (Boyd & Parish, 1983; Pardeck & Izikoff, 1983; Robson, 1983; Weiss, 1979).

As pesquisas sobre as conseqüências da separação para os filhos levam em consideração vários fatores, embora o divórcio não deva ser percebido como um evento isolado, mas como uma seqüência de vivências, experiências, enfim, um processo, como demonstram Parish e Wigle (1985). Parece haver concordância entre os autores de que estas conseqüências dependem, principalmente, de três variáveis:

1. A idade dos filhos na época da separação (Grossman & Adams, 1980; Gardner (apud Kalter & Rembar, 1981); Hetherington, 1972; Sorosky, 1977; Wallerstein & Kelly, 1980).

2. O sexo da criança e do adolescente (Block, Block & Gjerde, 1986; Hetherington, Cox & Cox, 1979; Kurdek, 1981; Pinheiro, Siqueira & Bucher, 1983).

3. O conflito familiar que envolve a separação (Chawla & Gupt, 1979; Emery, 1982; Jacobson (apud Block, Block & Gjerde, 1986); Parish & Nunn, 1981; Swartzberg, Schmukler & Chalmers, 1983).

O autoconceito tem sido bastante estudado e relacionado com diferentes variáveis. Definido como uma organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo (Tamayo, 1981 a), a formação do autoconceito é influenciada pelas experiências vivenciais do indivíduo desde o seu nascimento. Para Tamayo e Cunha (1983), o autoconceito é um processo psicológico cujo conteúdo e dinamismo são determinados socialmente. Rogers (1947, apud Calhoun & Morse, 1977) indica a qualidade de vida do indivíduo, desde o início de seu processo de desenvolvimento, como um dos elementos que influem no autoconceito. Bee (1984) afirma que quanto mais bem sucedidas as experiências da pessoa, mais positivo será seu autoconceito.

O autoconceito tem sido relacionado positivamente com o desempenho acadêmico (Dourado, 1984; Silva & Alencar, 1984) e o nível de satisfação familiar (Lummertz & Biaggio, 1986). Foram encontradas como influenciando o au-

toconceito de forma negativa as variáveis alcoolismo (Gross & Alder, 1970), psicopatia (Tamayo & Raymond, 1 & Goes, 1 985). Afetam o autoconceito o nível de instrução (Tamayo, 1 981 c)977), depressão (Jegede, 1982), mastectomia por câncer de mama (Barbosa, paternidade ou maternidade (Tamayo, 1981 b), ordem de nascimento (Tamayo, 1981 d), região de origem (Tamayo, 1982b), posse de automóveis e índice de acidentes automotores (Tamayo, 1981e), frequência de atividade sexual pré-marital (Tamayo & Cunha, 1983), estado civil (Tamayo, 1986), aparência física (Mahoney & Finch. 1976), sexo (Dixon & Street, 1975; Erdwins, Small & Gross, 1980), religiosidade (Moore & Stoner, 1977; Tamayo, 1982a), popularidade (Chambliss, Müller, Hulnick, & Wood, 1 978) e status sócio-econômico (Bledson, 1981).

A partir deste levantamento, questionamos a respeito do autoconceito de adolescentes cujos genitores são separados. A separação do casal influencia a formação do autoconceito dos filhos? Várias pesquisas têm sido desenvolvidas com o objetivo de responder a esta questão.

Raschke e Raschke (1 979) mostraram que a estrutura familiar (intacta, de um só pai ou reconstituída) não teve influência significativa no autoconceito dos filhos. Por outro lado, crianças que percebem suas famílias como conflituosas tiveram autoconceitos significativamente mais baixos. Parish, Dostal e Parish (1981) e Swartzberg, Shmukler e Chalmers (1983) encontraram resultados idênticos.

Parish e Taylor (1 979) mostraram que crianças e adolescentes de casais divorciados, cuja mãe não havia se casado novamente, tiveram autoconceitos mais baixos do que os de famílias intactas. Aqueles cuja mãe se recasou também tiveram autoconceitos mais baixos do que os de lares intactos, embora as diferenças encontradas não fossem significativas.

Um estudo de Parish e Osterberg (1 986) mostrou que adolescentes de lares intactos e aqueles cujo pai havia falecido avaliaram seus pais de forma mais positiva do que aqueles cujos pais estavam divorciados. Pardeck e Izikoff (1983) encontraram resultados diferentes. Segundo eles, adolescentes de doze a quatorze anos, filhos de pais divorciados, não possuem autoconceitos negativos.

Billier e Bahm (1971) realizaram um estudo com crianças que vivenciaram o divórcio dos pais em idades diferentes. Os resultados mostraram que a ausência do pai depois da idade de cinco anos não afetou o autoconceito e a masculinidade dos meninos. Mas aqueles cuja ausência do pai ocorreu antes desta idade apresentaram uma interferência na identificação de masculinidade. Eles acreditam que o fator que mais influenciou o desenvolvimento do papel sexual dos meninos foi seu relacionamento com a mãe.

Um estudo longitudinal de Parish e Wigle (1 985) mostrou que crianças de famílias intactas tiveram auto-avaliações e avaliações dos pais mais positivas do que as crianças que haviam vivenciado o divórcio dos pais. Das mudanças observadas ao longo dos 3 anos que durou o estudo, os autores concluem que o divórcio é um processo e não um simples evento, e este processo familiar está bastante relacionado com a forma como a criança se auto-avalia e avalia os pais.

O presente estudo tem como objetivo verificar se o autoconceito de adolescentes cujos genitores são separados difere daqueles cujos pais vivem juntos.

METODOLOGIA

Amostra

A amostra foi selecionada através de um questionário contendo perguntas sobre a idade, sexo, escolaridade, profissão do pai, local de residência, número de irmãos e ordem de nascimento. Os sujeitos cujos genitores são separados deveriam dizer a idade que tinham na época da separação, com quem residem atualmente, se têm contato com o pai ausente e como é este contato. Os que residem com ambos os genitores deveriam responder se consideram os pais felizes, como é o relacionamento deles com os pais e do que eles mais gostam em suas famílias. Havia também uma questão sobre ocorrência de atendimento psicológico de algum membro da família.

A amostra é composta de 120 adolescentes com idade média de 15 anos e 5 meses, DP = 1 ano e 5 meses, residentes no Plano Piloto de Brasília, estudantes da rede particular de ensino. Os sujeitos foram divididos em dois grupos e quatro subgrupos: 60 cujos genitores vivem juntos (30 do sexo feminino e 30 do sexo masculino) e 60 cujos genitores são separados (30 do sexo feminino e 30 do sexo masculino).

Os sujeitos do grupo de adolescentes cujos genitores vivem juntos foram selecionados de acordo com as respostas que deram ao questionário. Não participaram da amostra aqueles cujas respostas denotaram conflito familiar, insatisfação e dificuldades afetivas em relação aos membros da família. Outra variável controlada foi a ocorrência de atendimento psicológico na família.

Do grupo de adolescentes cujos genitores são separados, 10 residem atualmente com o pai, 49 residem com a mãe e um reside com parentes. A média de idade dos sujeitos na época da separação dos pais é de 3 anos e 6 meses, DP = 4 anos e 7 meses. Não foi controlada a variável recasamento de um ou ambos os genitores, nem a ocorrência de atendimento psicológico na família.

Instrumento

Foi utilizada a Escala Fatorial de Autoconceito - EFA (Tamayo, 1981 a). Para seleção da amostra utilizamos um questionário contendo 21 perguntas. A EFA avalia o autoconceito global e considera também 6 diferentes fatores: segurança pessoal, atitude social, autocontrole, **self** ético-moral, **self** somático e receptividade social.

Procedimento

Inicialmente a aplicação dos instrumentos foi feita em 3 escolas particulares de 1° e 2° Graus do Plano Piloto de Brasília, pela pesquisadora. Desta forma foram conseguidos todos os sujeitos do grupo de adolescentes cujos genitores vivem juntos e parte dos sujeitos cujos genitores são separados. O restante foi conseguido através de indicação de pessoas conhecidas e dos próprios adolescentes. Neste caso, os instrumentos foram aplicados na residência dos adolescentes ou na escola onde estudam.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta o escore médio de cada subgrupo da amostra em cada fator do autoconceito. Foram calculadas seis ANOVAs simples, tendo sido controladas as variáveis sexo dos adolescentes e situação conjugal dos pais.

TABELA 1 — Escore médio nos fatores do autoconceito, por sexo e situação conjugal dos pais.

FATORES	SEXO		SEPARAÇÃO	
	M	F	SIM	NÃO
Segurança pessoal	5,20	5,15	4,99	5,37
Atitude social	5,04	4,96	4,81	5,19
Autocontrole	4,95	5,08	4,73	5,31
Self ético-moral	5,61	5,99	5,67	5,93
Self somático	5,13	5,33	5,18	5,28
Receptividade social	5,13	5,36	5,20	5,29

Foram encontrados efeitos significativos da variável situação conjugal dos pais nos fatores segurança pessoal [$F(116,1) = 5,87, p < 0,01$], atitude social [$F(116,1) = 4,29, p < 0,04$], autocontrole [$F(116,1) = 14,17, P < 0,001$] e **self** ético-moral [$F(116,1) = 5,24, p < 0,02$]. A variável situação conjugal dos pais teve efeito significativo sobre o autoconceito nesses quatro fatores, sendo que os adolescentes cujos pais vivem juntos tiveram escores mais elevados do que aqueles cujos genitores são separados.

A variável sexo dos adolescentes teve efeito principal significativo apenas do fator **self** ético-moral [$F(116,1) = 11,01, p < 0,001$]. Neste fator as mulheres tiveram escores significativamente mais elevados do que os homens. No fator receptividade social não houve efeitos principais da variável situação conjugal dos pais. Quanto à variável sexo, nota-se uma tendência das mulheres a se perceberem como mais receptivas do que os homens, embora a diferença não seja significativa [$F(116,1) = 2,43, p < 0,12$]. Houve efeito de interação no fator autocontrole, embora não seja bastante significativo [$F(116,1) = 3,35, p < 0,07$].

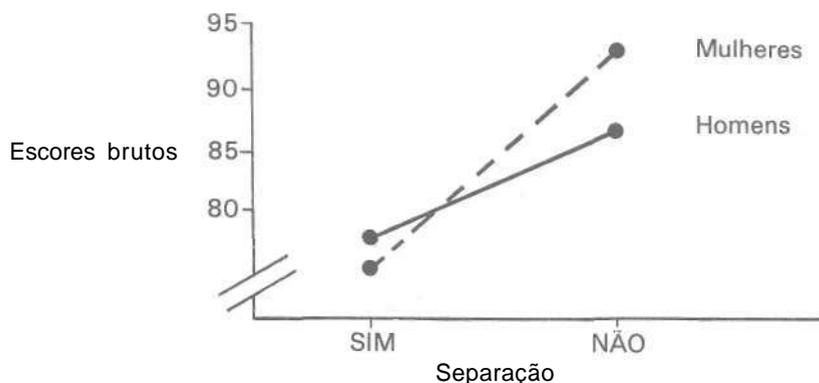


FIGURA 1 — Interação sexo x separação no fator autocontrole.

Estes resultados mostram que quando a variável situação conjugal dos pais é mantida no nível 1 (separados), mudanças na variável sexo, de masculino para feminino, têm um efeito decrescente nos escores médios, enquanto que, uma vez mantida no nível 2 (não separados), a mesma mudança tem efeito crescente sobre os escores médios. Comparando os dois subgrupos não houve diferença entre os escores dos sujeitos do sexo feminino e masculino.

Quanto ao grupo de adolescentes cujos pais vivem juntos, as mulheres obtiveram escores bem mais elevados do que os homens. Comparados entre si, as adolescentes cujos genitores vivem juntos apresentaram escores mais altos no fator autocontrole do que aquelas cujos pais são separados. Quanto aos homens, os filhos de pais separados tiveram escores mais baixos do que aqueles cujos pais vivem juntos.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo mostram que a separação dos pais teve influência sobre o autoconceito dos filhos adolescentes em quatro dos seis fatores avaliados. Estes resultados vêm confirmar pesquisas feitas por Parish (1981) e Parish e Osterberg (1986). Por outro lado, contradizem resultados da pesquisa realizada por Pardeck e Izikoff (1983).

O fator segurança pessoal está relacionado com a autoconfiança do indivíduo. Patten-Seward (1984) e Maldonado (1987) observaram em crianças na fase pré-escolar um medo de serem abandonadas, medo do futuro e sentimento de rejeição, em consequência da separação dos pais. A criança e o adolescente, por serem dependentes dos pais, podem se sentir inseguros ao perceberem que os próprios pais estão desorientados e a estrutura familiar se encontra ameaçada. O processo de separação conjugal é caracterizado por tensão, acompanhada da "perda" de um dos pais que vai morar separado. Muitas vezes o conflito continua mesmo após a separação, e os filhos, não raramente, são "usados" por ambos os pais como meio para obter certos interesses. Eles podem ser manipulados segundo as necessidades de cada cônjuge, como observaram Bucher (1980) e Maldonado (1987). Emery (1982) afirma que o adolescente pode ser mais prejudicado devido à probabilidade de ter sido exposto a longos períodos de conflito familiar.

Adolescentes cujos pais são separados também podem apresentar problemas de relações interpessoais e sociabilidade segundo Sorosky (1977) e Wallerstein e Kelly (1980). O adolescente, normalmente, vivência conflitos com relação à aprovação social, e a separação dos pais pode intensificar estes conflitos e servir como meio de inibir sua expressão e resolução. O adolescente pode apresentar também agressividade em casa e na escola. Segundo Sorosky (1977), durante a adolescência existem muitos tumultos internos e necessidades de firmeza externa, consistência e determinação de limites. Os pais separados parecem ter dificuldades em estabelecer estes controles ambientais para os filhos, porque estão preocupados com seus próprios problemas, podem se sentir culpados, ou têm medo de perder os filhos para o outro cônjuge.

Quanto ao fator autocontrole, os adolescentes cujos genitores são separados consideraram-se como desorganizados, distraídos, descontrolados e desatentos. Sabemos que a separação do casal pode provocar um verdadeiro tumulto na vida familiar, uma vez que algumas modificações no dia-a-dia são necessárias para que haja uma nova estruturação a nível econômico, espacial, e

mesmo no que tange aos papéis e à hierarquia. Os filhos mais velhos podem ter que assumir responsabilidades em casa, como cuidar dos irmãos menores. A família pode ter que se desfazer de bens, mudar para uma residência menor. A mãe pode ter que, pela primeira vez, trabalhar fora. Todas estas mudanças parecem afetar o autocontrole dos adolescentes.

No fator **self** ético-moral os adolescentes cujos genitores são separados também tiveram escores significativamente mais baixos. O fato de conviver com ambos os pais parece favorecer, nos filhos, uma maior internalização das normas morais. Alguns aspectos poderiam ser discutidos:

— A separação do casal, em si, poderia ser vista como um desrespeito às normas sociais, uma vez que a preservação da família representaria a preservação da própria sociedade.

— É, principalmente, na família que o indivíduo adquire os princípios ético-morais.

— A separação do casal pode representar um desequilíbrio, temporário ou duradouro, nas estruturas hierárquicas da família.

— No processo de dissolução conjugal alguns aspectos que ficaram camuflados durante anos vêm à tona, e os filhos convivem com agressões verbais e até mesmo físicas, chantagens emocionais e uma situação afetiva especial com relação aos pais.

— A presença do pai no lar é importante não apenas como figura de identificação masculina mas também como agente influente na aquisição de normas sociais, responsabilidade social, ajustamento social e comportamentos delinquentes, segundo Pinheiro, Siqueira e Bucher (1980).

— A adolescência é, normalmente, um período de questionamento das normas estabelecidas. Este questionamento talvez seja exacerbado com a separação dos pais, que são os principais modelos para os filhos.

— Embora algumas mudanças estejam acontecendo, a separação ou divórcio ainda são vistos como estigma social. As pessoas envolvidas ainda sofrem discriminações.

O único fator onde foram observados efeitos principais da variável sexo foi o **self** ético-moral, onde as mulheres apresentaram escores significativamente mais elevados do que os homens. Este resultado está de acordo com pesquisa feita por Tamayo (1986) com estudantes universitários de Brasília. Segundo o autor, existe ambigüidade na literatura científica com relação às diferenças sexuais no autoconceito e que estas diferenças são tributárias não só da estrutura da sociedade em geral como também das subculturas dos grupos dos quais o indivíduo é membro.

No fator receptividade social houve uma tendência das mulheres a se perceberem como mais receptivas do que os homens, o que confirma pesquisas feitas por Dixon e Street (1978) e Paulinelli e Tamayo (1986).

Efeitos de interação, embora pouco significativos, foram observados apenas no fator autocontrole. Praticamente não houve diferença entre os escores de meninas e meninos cujos genitores são separados, confirmando, assim, pesquisas feitas por Hetherington, Cox e Cox (1979), Wallerstein e Kelly (1980) e Kurdec (1981) embora estes autores não tenham focado o autoconceito especificamente. Burchinal (1964) não encontrou nenhuma diferença significativa na forma como os filhos de ambos os sexos reagem à separação dos pais. Não podemos perder de vista, por outro lado, o fato destas pesquisas não serem brasileiras.

Não encontramos nenhuma diferença significativa no fator **self** somático. Isto talvez se deva ao fato de que a adolescência, principalmente nos primeiros estágios, é marcada por mudanças físicas tanto no menino como na menina. Ambos enfrentam, igualmente, as mudanças que marcam o desenvolvimento puberal.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Os resultados da presente pesquisa parecem mostrar que a presença dos dois genitores influencia positivamente a formação do autoconceito dos adolescentes de ambos os sexos, enquanto que a convivência com apenas um dos pais constitui um fator de influência negativa sobre o autoconceito dos mesmos.

No entanto, como afirma McDermott (1968), é difícil separar os efeitos da separação em si dos efeitos da tensão e conflito que a acompanham. Segundo ele, há alguns fatores que estão como que emaranhados e que devem ser considerados, tais como: o impacto direto do conflito em torno da separação; as reações imediatas dos filhos à "perda" de um dos pais; o impacto da separação sobre o genitor com quem a criança fica, que repercute sobre ela; o impacto, provavelmente algum tempo depois, da perda de um modelo parental. A estes fatores poderíamos acrescentar as mudanças que ocorrem na vida familiar, em consequência da separação do casal e os estereótipos que ainda existem em torno da dissolução conjugal e das pessoas nela envolvidas.

Os resultados do presente estudo precisam ser expandidos por pesquisas subseqüentes que levem em consideração as seguintes variáveis:

- Existência de conflito em famílias intactas.
- Recasamento dos pais.
- Idade dos filhos na época da separação dos pais.
- Mudanças reais na vida familiar em consequência da separação conjugal.
- Ocorrência de atendimento psicológico ou psiquiátrico na família.
- A variabilidade, qualidade ou intensidade da resposta individual ao divórcio.
- O tempo ocorrido entre a separação dos pais (idade média de 3 anos e 6 meses) e a pesquisa (quando os sujeitos tinham, em média, 15 anos e 6 meses). Pode-se questionar se os efeitos observados são decorrência da separação dos pais ou de outros eventos que tiveram lugar durante este tempo na vida dos filhos.

Além disso, estudos longitudinais, com amostras maiores, poderiam ser desenvolvidos a fim de se verificar se as influências da separação sobre o desenvolvimento dos filhos são duradouras ou tendem a amenizar com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, A.M.S. & Goes, J.C.S. (1985). Alterações no autoconceito de pacientes mastectomizadas. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, Belo Horizonte, Minas Gerais, 872 (02-G.2).
- Bee, H. (1984). *A criança em desenvolvimento*. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda.
- Biller, H.B. & Bahm, R.M. (1971). Father absence, perceived maternal behavior,

- and masculinity of self-concept among junior high school boys. *Developmental Psychology*, 4, 178-181.
- Bledson, J.C. (1981). Is self-concept a reliable predictor of economic status? *Psychological Reports*, 49, 883-886.
- Block, J.H., Block, J. & Gjerde, P.F. (1986). The personality of children prior to divorce: A prospective study. *Child Development*, 57, 827-840.
- Boyd, D.A. & Parish, T.S. (1983). An investigation of father loss and college students' androgyny scores. *The Journal of Genetic Psychology*, 145, 279-280.
- Burchinal, L.G. (1964). Characteristics of adolescents from unbroken, broken, and reconstituted families. *Journal of Marriage and Family*, 44-51.
- Bucher, J. S. N. F. (1980). *O processo de dissolução conjugal e a atitude dos filhos*. Pesquisa subvencionada pelo CNPq. Processo n° 109098/78. Brasília.
- Calhoun, G. & Morse, W.C. (1977). Self-concept and self-esteem: Another perspective. *Psychology in the School*, 14, 318-323.
- Chambliss, J., Müller, D., Hulnick, R. & Wood, M. (1978). Relationships between self-concept, self-esteem, popularity and social judgements of junior high school students. *The Journal of Psychology*, 98, 91-98.
- Chawla, P.L. & Gupt, K. (1979). A comparative study of parents of emotionally disturbed and normal children. *British Journal of Psychiatry*, 134, 406-411.
- Crossman, S.M. & Adams, G.R. (1980). Divorce, single parenting and child development. *The Journal of Psychology*, 106, 205-217.
- Dixon, J.C. & Street, J.W. (1975). The distinction between self and not-self in children and adolescents. *The Journal of Genetic Psychology*, 127, 157-162.
- Dourado, J.M.B. (1984). *O rendimento acadêmico e sua relação com o autoconceito do aluno e a retroalimentação do professor*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade de Brasília. Brasília, D.F.
- Emery, R.E. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92, 310-330.
- Erdwins, C, Small, A. & Gross, R. (1980). The relationship of sex role to self-concept. *Journal of Clinical Psychology*, 36, 111-115.
- Fine, M.A., Moreland, J.R. & Schwebel, A.I. (1983). Long-term effects of divorce on parent-child relationship. *Developmental Psychology*, 19, 703-713.
- Gardner, R. (1977). Children of divorce — some legal and psychological considerations. *Journal of Clinical Child Psychology*, 6, 3-6.
- Gross, W.F. & Alder, L.O. (1970). Aspects of alcoholics' self-concept as measured by the Tennessee self-concept scale. *Psychological Reports*, 27, 431-434.
- Hetherington, E.M. (1972). Effects of father absence on personality development in adolescent daughters. *Developmental Psychology*, 7, 313-326.
- Hetherington, E.M., Cox, M. & Cox, R. (1979). Play and social interaction in children following divorce. *Journal of Social Issues*, 35, 26-49.
- Jacobson, D.S. (1978). The impact of marital separation/divorce on children: Parent-child separation and child adjustment. *Journal of Divorce*, 4, 341-355.
- Jegade, R.O. (1982). A cross-sectional study of self-concept development in Nigerian adolescents. *The Journal of Psychology*, 110, 249-261.

- Kalter, N. & Rembar, J. (1981). The significance of a child's age at the time of parental divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 51, 85-100.
- Kurdek, L.A. (1981). An integrative perspective on children's divorce adjustment. *American Psychologist*, 36, 856-866.
- Kurdek, L.A., Blisk, D. & Siesky, A.E. (1981). Correlates of children's long-term adjustment to their parents' divorce. *Developmental Psychology*, 17, 565-579.
- Lummertz, J.G. & Biaggio, A.M.B. (1986). Relação entre autoconceito e nível de satisfação familiar em adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 38, 158-166.
- Mahoney, E.K. & Finch, M.D. (1976). Body cathexis and self-esteem: A reanalysis of the differential contribution of specific body aspects. *Journal of Social Psychology*, 99, 251-258.
- Maldonado, M.T. (1987). *Casamento: Término e reconstrução*. Petrópolis: Editora Vozes.
- McDermott, J.F. (1968). Parental divorce in early childhood. *American Journal of Psychiatry*, 124, 1424-1432.
- Moore, K. & Stoner, S. (1977). Adolescent self-reports and religiosity. *Psychological Reports*, 41, 55-56.
- Pardeck, J.T. & Izikoff, E. (1983). A comparative study of the self-concepts of adolescents from intact and non-intact families. *Personality and Individual Differences*, 4, 551-553.
- Parish, T.S. (1981). Concordance of children's descriptions of themselves and their parents as a function of intact versus divorced families. *The Journal of Psychology*, 107, 199-201.
- Parish, T.S., Dostal, J.W. & Parish, J.G. (1981). Evaluations of self and parents as a function of intactness of family and family happiness. *Adolescence*, 16, 203-210.
- Parish, T.S. & Nunn, G.D. (1981). Children's self-concepts and evaluations of parents as a function of family structure and process. *The Journal of Psychology*, 107, 105-108.
- Parish, T.S. & Osterberg, J. (1986). Evaluations of self, parents, and family: Variations caused by family structure and personal stress. *The Journal of Psychology*, 119, 231-233.
- Parish, T.S. & Taylor, J.G. (1979). The impact of divorce and subsequent father absence on children's and adolescents' self-concepts. *Journal of Youth and Adolescence*, 8, 427-432.
- Parish, T.S. & Wigle, S.E. (1985). A longitudinal study of the impact of parental divorce on adolescents' evaluations of self and parents. *Adolescence*, 20, 239-345.
- Patten-Seward, P. (1984). Assessing student emotional behavior after parental separation or divorce. *Journal of School Health*, 54, 152-159.
- Paulinelli, J.D.C. & Tamayo, A. (1986). Autoconceito: Efeitos da cegueira e do sexo em adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 38, 115-126.
- Pinheiro, A.A.A., Siqueira, I.L.S.M. & Bucher, J.S.N.F. (1980). Ausência do pai: Uma introdução ao tema. *Revista de Psicologia*, 1, 107-122.
- Raschke, H.J. & Raschke, V. (1979). Family conflict and children's self-concepts: A comparison of intact and single-parent families. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 367-374.

- Robson, B.E. (1983). And they lived happily ever after: Marriage concepts of older adolescents. *Canadian Journal of Psychiatry*, 28, 646-649.
- Rogers, C (1947). *Casebook of non-directive counseling*. Boston: Houghton Mifflin.
- Silva, I.V. & Alencar, E.M.L.S. (1984). Autoconceito, rendimento acadêmico e escolha do lugar de sentar entre alunos de nível sócio-econômico médio e baixo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36, 89-96.
- Sorosky, A.D. (1977). The psychological effects of divorce on adolescents. *Adolescence*, 12, 123-136.
- Swartzberg, L, Schmukler, D. & Chalmers, B. (1983). Emotional adjustment and self-concept of children from divorced and nondivorced unhappy homes. *The Journal of Social Psychology*, 121, 305-311.
- Tamayo, A. (1981 a). EFA: Escala fatorial de autoconceito. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33, 87-102.
- Tamayo, A. (1981 b). Influência da paternidade e maternidade sobre o autoconceito. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Salvador, Bahia. 824 (77-G.2).
- Tamayo, A. (1981c). Autoconceito e nível de instrução. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Salvador, Bahia. 824 (74-G.2).
- Tamayo, A. (1981 d). Autoconceito e ordem de nascimento. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Salvador, Bahia. 823 (73-G.2).
- Tamayo, A. (1981 e). Autoconceito, posse de carro e índice de acidentes automotores. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1, 101-116.
- Tamayo, A. (1982a). Concept de soi et religion. *Psychologica Bélgica*, 22, 57-65.
- Tamayo, A. (1982b). Autoconceito e região de origem. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34, 60-64.
- Tamayo, A. (1986). Autoconcepto, sexo y estado civil. *Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina*, 32, 207-214.
- Tamayo, A. & Cunha, M.E.A. (1983). Autoconceito, sexo e freqüência de atividade sexual pré-marital. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, Belém, Pará. 800 (13-G.2).
- Tamayo, A. & Raymond, F. (1977). Self-concept of psychopaths. *The Journal of Psychology*, 97, 71-77.
- Wallerstein, J.S. (1984). Children of divorce: Preliminary report of a ten year follow-up of children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54, 444-458.
- Wallerstein, J.S. & Kelly, J.B. (1980). California's children of divorce. *Psychology Today*, 13, 67-76.
- Weiss, R.S. (1979). Growing up a little faster: The experience of growing up in single-parent household. *Journal of Social Work*, 35, 97-111.
- Westman, J.C (1983). The impact of divorce on teenagers. *Clinical Pediatrics*, 22, 692-697.
- Zeanah, P.D. (1983). Children of divorce. *Issues in Comprehensive Pediatric Nurse*, 6, 91-106.

Texto recebido em 10/06/88.